

LEITURAS E RESENHAS



(em branco)

ALESSI, Viviane Maria. Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin. Curitiba: Editora UFPR, 2014. 198p.

Fernanda Theodoro Roveri*

*Membro do grupo Focus (FE-Unicamp), Professora do Instituto de Educação Superior de Campinas (Iescamp) e do CEI Dr. Manoel Affonso Ferreira, Campinas, SP, Brasil. ferdth@yahoo.com.br

Na casa das palavras chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.

Eduardo Galeano. O livro dos abraços, 2002. p.13.

Uma única palavra pode provocar em nós inúmeros sentimentos, tais como os de alegria, empolgação, inquietude, desconforto, prazer... As palavras multiplicam ideias e são capazes de nos fazer lambe os lábios ou fechar a cara, como sugere Galeano.

O livro de Viviane Maria Alessi, *Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin*, fala de palavras descobertas, repetidas, esquecidas, inventadas, silenciadas, misturadas e agitadas nos frascos do pensamento. Palavras que dançam, circulam e cirandam entre crianças e adultos nas *rodas de conversas*.

A organização dos tempos e dos espaços pedagógicos das instituições de Educação Infantil muitas vezes contempla momentos em que professores e crianças se dispõem em roda e escolhem temas e situações diversas para conversar. Esses espaços, aparentemente vislumbrados para interações, narração de ideias, novidades, preocupações e opiniões, podem revelar, nas tramas mais sutis, embates, restrições e silêncios.

É a partir dessa temática de pesquisa instigante e inovadora que Viviane Alessi apresenta-nos diversas dimensões educativas das conversas entre adultos e crianças nas instituições escolares. A obra – resultado de sua pesquisa de mestrado defendida na Universidade Federal do Paraná, no ano de 2011 –, tem como objetivo analisar o discurso infantil nas rodas de conversa realizadas com crianças de idade entre 4 e 5 anos, em instituições de Educação Infantil de Curitiba, a partir da perspectiva de pensamento do Círculo de Bakhtin.

A apresentação do livro é redigida por Gilberto de Castro, conceituado pesquisador dos estudos do Círculo de Bakhtin e da problemática da educação linguística brasileira. O prefácio levanta diversas questões sobre as línguas humanas e seus usos pelos grupos sociais em seus ambientes de interlocução. Castro salienta que a obra foi escrita por uma pesquisadora empenhada em compreender seu campo de atuação – o da Educação Infantil. Salienta ainda que a linguagem, nesse percurso, será discutida pelas “lentes da educação”, a partir do diálogo com o pensamento bakhtiniano. A apresentação do livro faz um convite à leitura, instigando-nos a refletir que, mais do que saber ouvir as crianças, é preciso deixá-las falar (p.14).

Fascinada pelas formas com que as crianças expressam suas ideias, Alessi, na introdução, nos chama para uma conversa inicial, permitindo a entrada no mundo o qual lhe proporcionou conhecimentos, indagações e vontade de compreendê-lo: o mundo das interações infantis. O olhar inicial traz inúmeras indagações sobre como essas rodas se caracterizavam e quais eram as possibilidades oferecidas para as crianças se expressarem. As primeiras inquietações da pesquisa nos levam a refletir se, de fato, “as instituições educativas caracterizam-se como espaços dialógicos?” (p.18).

Percebemos, a partir dessas ideias iniciais, um dos grandes desafios do livro: instigar os leitores – sejam os profissionais da educação, sejam os adultos que de alguma forma interagem com crianças – a pensarem no compromisso que possuem como sujeitos interlocutores. Tal

compromisso revela-se em práticas relacionadas ao saber ouvir e ao reconhecer a riqueza das percepções de mundo das crianças, considerando e compreendendo suas ideias. No entanto, ao analisar os discursos das rodas de conversa, a autora revela-nos que a escola, muitas vezes, está voltada mais para a correção da fala das crianças do que propriamente para o diálogo.

Na sequência, o primeiro capítulo traz uma relevante abordagem sobre a categoria social da infância, discorrendo que a relação estabelecida entre crianças e adultos é marcada pelos modos como estes compreendem a infância. As análises destacam que a categoria “infância” não é estável e tampouco as crianças vivem esse período da vida de forma homogênea. Dialogando com Sonia Kramer, a autora discute que, ao longo dos anos, são elaborados novas atitudes e novos sentimentos em relação ao ser criança e ao tempo da infância. Assim, é um desafio permanente para as sociedades compreender as especificidades da infância e seu contínuo processo de formação.

Esse capítulo serve-se de um amplo conjunto de leituras sobre a historiografia da infância, o qual possibilita a análise da criança como “produto e produtora da cultura, da história e da linguagem” (p.32). A consciência da criança é constituída a partir de um processo de constante formação, interação e interlocução, o que nos permite refletir: como a linguagem e suas diversas concepções orientaram as práticas nas instituições educativas?

Buscando as possíveis respostas para essa pergunta, a autora discorre sobre a história da Educação Infantil e os muitos embates, concepções e legislações que constituíram as formas de organização das instituições voltadas à infância. As concepções de linguagem legitimadas na escola, objeto de análise da pesquisa, intencionaram a afirmação da norma padrão da língua e do saber escolar das classes dominantes. A linguagem, no processo histórico de escolarização, fez parte da trama de políticas voltadas para a compensação de defasagens dos alunos em relação à língua padrão, ao raciocínio e aos hábitos de higiene.

Tomando como categoria de análise a *teoria do círculo de Bakhtin*, na qual a linguagem é vista em uma perspectiva dialógica, ou seja, como um produto das interações humanas, a autora apresenta um olhar minucioso sobre a organização da roda de conversa e das interações entre adultos e crianças. Sem dúvida, esse é um dos momentos em que nós, profissionais da Educação, somos desafiados a avaliar nosso trabalho, a rever algumas posturas autoritárias com as crianças e a compreender que é por meio das interações que os sentidos são estabelecidos e constituem os sujeitos.

Com toda clareza, competência e domínio do tema, Alessi elucida que as rodas de conversa são extremamente importantes para que as crianças sejam *ouvidas* e não *corrigidas*. Esses espaços, portanto, devem privilegiar a expressão de ideias e as opiniões das crianças e não a normatização das falas e dos comportamentos. O adulto, por sua vez, não é aquele que simplesmente direcionará perguntas às crianças, transformando o momento em um monólogo ou espaço para lição de moral. Ou, ainda, aquele que faz perguntas para serem respondidas em coro pelo grupo, restringindo-as a respostas afirmativas ou negativas.

Essas práticas autoritárias não se esgotam aqui, visto que, em muitas situações, os(as) professores(as) conduzem um “revezamento” das falas, ordenando a temática da conversa e controlando o tempo e a vez de cada criança. É mais agravante ainda, conforme expõe a autora, é que há profissionais que sustentam a visão de que as crianças não sabem falar e se exprimir direito, por isso consideram que não existe razão para a roda de conversa.

Tendo em vista esse olhar crítico, o livro assinala que a interlocução entre adulto-criança e criança-criança ocorre efetivamente a partir do *diálogo*, e esse pode se manter com as interferências do adulto. O(a) professor(a) oportuniza trocas e intervenções verbais quando possibilita que as crianças se manifestem e criem algo novo, alternem vozes, participações e negociações.

Longe de ser visto como espectador, o(a) professor(a) é aquele(a) que supera a ideia da *tarefa de ensinar* e estabelece sua prática a partir da *relação de ensino*, conforme discutido pela autora, tomando como referência os estudos de Ana Luísa Smolka. Trazendo também a argumentação de Sonia Kramer sobre o professor e as relações de ensino, o livro nos mostra que é necessário que os(as) professores(as) se tornem narradores(as) e autores(as) de suas práticas, relatando suas experiências e produzindo conhecimento.

O segundo capítulo apresenta uma ampla compreensão do pensamento bakhtiniano e aporta situações de diálogos das crianças e dos adultos para elucidar a teoria apresentada. Essa perspectiva teórica concebe que nossa expressividade é elaborada e reestruturada nas interações por meio das palavras dos outros. Nas conversas transcritas, há características como a negociação, a disputa, a afirmação, a aceitação, o consentimento, a objeção, dentre outros elementos discursivos pelos quais os sujeitos se constituem. A temática do capítulo aborda, portanto, a estreita relação entre língua e vida (p.75).

Quando o adulto lança uma pergunta às crianças nas rodas de conversa, suas respostas contêm marcas de uma escolha, daquilo que para elas possui sentido, sentimentos, emoções e valores. Espera-se que, na conversa, os(as) professores(as) deem continuidade a esse diálogo, demonstrando interesse por seu enunciado e incentivando-as a trazer outras informações. Ou seja, mais do que dizer “Puxa, que legal!”, deve-se permitir que o locutor conclua seu enunciado, conceda a palavra aos demais ou dê lugar à compreensão ativa dos outros, à concordância/discordância, aos julgamentos, etc.

Uma prática escolar bastante comum, e que aparece nos relatos das conversas, é a de ensinar a criança a levantar a mão para esperar a vez de falar. A autora problematiza esse hábito, mostrando que isso pode ocasionar o esquecimento das ideias que as crianças tinham ou o desvio e a sobreposição dos assuntos. Enquanto a escola se preocupa em normatizar e corrigir a fala infantil, de fato, “para o locutor-criança, o que realmente importa não é a conformidade com a forma linguística, mas sim a possibilidade de se expressar em determinada situação, expor suas ideias e opiniões e se fazer entender” (p. 92).

O terceiro capítulo trata do percurso da pesquisa qualitativa. Essa se apresenta coerente com os objetivos traçados, sendo uma grande contribuição para expandir os horizontes da reflexão teórico-prática na Educação. Ao propor a análise de 18 situações de rodas com turmas de crianças de 4 a 5 anos, a autora assume sua posição singular de pesquisadora, lançando-se na aventura de ouvir os “ditos” e os “não ditos” pelas crianças.

O capítulo seguinte traz inúmeros excertos de diálogos das rodas de conversa, os quais constituem uma contribuição ímpar para problematizar as relações discursivas entre os sujeitos, bem como suas escolhas, trocas e saberes.

O texto é instigante e nos faz perceber como as escolhas dos assuntos abordados nas rodas – propostos, em sua maioria, pelas professoras – revelam não só repertórios culturais, mas concepções de infância. Os temas e os elementos disparadores da conversa – como objetos, imagens, fatos, memórias, etc. – devem oferecer um potencial de diálogo e de imaginação. Às vezes, um único elemento pode suscitar inúmeros assuntos. Porém, com frequência, a palavra final é a da professora, temerosa de que restem dúvidas ou interpretações errôneas por parte das crianças. Sua postura autoritária insiste que sua opinião seja acatada e desconsidera o ponto de vista dos outros. É recorrente sua imposição nos momentos de eleger um nome para um personagem, uma história ou o nome da turma.

Por outro lado, as genialidades e as escapatórias das crianças desse discurso autoritário do adulto aparecem em diversos excertos. Neles, vemos que as crianças insistem em seus posicionamentos, mesmo quando a professora quer encerrar o assunto. Em inúmeras situações, são capazes de confrontar pontos de vista e estão atentas às falas dos colegas nas rodas. Se, muitas vezes, fogem do assunto, outras tantas, elas mesmas relembram e retomam a conversa inicial.

A roda da conversa deve, portanto, ser valorizada como um espaço das expressões das ideias infantis (p.144). A importância desse espaço é enfatizada em uma das situações, na qual a professora demonstra a preocupação em fazer outras perguntas sobre o que as crianças relatavam. Mais do que simplesmente dizer “que legal” ou “é mesmo”, discordar ou mostrar indiferença, a professora interessava-se pelo que as crianças contavam e possibilitava a opinião de outros participantes.

Em muitas cenas, a pesquisadora identificou a presença do *riso* entre crianças e adultos. Nessas conversas, o riso possui uma manifestação particular que contagia, rompendo com a seriedade e fazendo os sujeitos perceberem o mundo de uma forma diferente. No entanto, conforme problematiza a autora, o riso costuma ser vetado nas instituições, pois é visto como causador de alvoroços e de dispersões entre as crianças.

Tendo em vista os novos olhares sobre a prática educativa favorecidos por essa obra, elucidamos que é preciso, então, romper com a concepção de que a roda consiste em um recurso pedagógico para os(as) professores(as) aproveitarem para explicar e esclarecer um assunto e para corrigirem a fala das crianças:

Superar essa prática requer que o adulto reconheça os enunciados infantis como carregados de sentidos – que dependem das informações e conhecimentos adquiridos e elaborados, das experiências e histórias de vida de cada criança -, transformando o espaço educativo em momentos de interação e interlocução que promovam o encontro das histórias e sentidos de adultos e crianças envolvidos na instituição educativa. (p. 143)

As considerações finais, apresentadas no quinto capítulo, destacam que não se trata de negar a função da instituição educativa na Educação e nos cuidados com as crianças, mas contribuir para reflexões sobre como os profissionais podem desempenhar suas funções: considerando a riqueza de ideias e pensamentos infantis e, desse modo, estabelecendo uma relação de ensino que não seja unilateral. Em conclusão, nossa conversa com a obra é

instigada por uma das perguntas finais: “quantas vezes ficamos admirados com os enunciados infantis, que nos revelam conhecimentos, suposições e hipóteses surpreendentes?” (p.185).

Por fim, a leitura desse primoroso livro lança-nos ao convite de tecer os fios de muitos diálogos, seja como ouvintes, seja como locutores. Partilhar saberes, nessa grande “roda de conversas”, é reconhecer a dimensão viva e infinita da linguagem, pois, como nos mostra Bakhtin (citado por Alessi, 2014), “não existe a primeira nem a última palavra” (p. 181).

Referência Bibliográfica

Galeano, E. (2002). *O livro dos abraços* (9a ed.). Porto Alegre: L&PM.

Submetido à avaliação em 21 de dezembro de 2014; aprovado para publicação em 18 de outubro de 2015.